Mocidade, Amor e Morte: Eminescu e Castro Alves*

Luciano Maia

Os dois poetas de quem falaremos aqui pertencem à estética romântica, um movimento artístico e literário que se iniciou na Europa do final do século XVIII e início do século XIX, um movimento cultural que negava a estética neoclássica e visava a uma maior liberdade criativa. O Romantismo nos trouxe, principalmente na literatura (mas também nas artes plásticas, como a pintura e a escultura e mesmo na arquitetura), nomes que são, ainda hoje, objeto de estudo por parte de especialistas, em todo o mundo: Goethe e Schiller, na Alemanha; Puchkin, na Rússia; Chateaubriand e Victor Hugo, na França; Byron e Walter Scott, no Reino Unido, para ficarmos apenas com os mais conhecidos. Também em nosso país temos nomes de poetas e prosadores que foram, dentro do movimento romântico, responsáveis pela criação da verdadeira literatura nacional, como é o caso de José de Alencar, na prosa, e de Gonçalves Dias, na poesia.

O movimento romântico coincide, cronologicamente, em vários países, com os movimentos visando à independência política, como é o caso da Romênia de Eminescu, e à emancipação de um povo, como é o caso do Brasil de Castro Alves. Pode dizer-se, assim, que tanto Eminescu quanto Castro Alves viveram numa época em que os ideais de independência da Romênia e de ultrapassagem de um tempo de indignidade no Brasil encontravam em seus poetas verdadeiros arautos das novas idéias de emancipação política e social.

Eminescu, em suas “Epístolas”, principalmente na “Terceira Epístola”, criou verdadeiros hinos de amor à pátria e de defesa do povo romeno frente à dominação estrangeira, verdadeiros libelos em que o poeta brada contra a injustiça e a ignorância. Castro Alves, em seu livro *Os Escravos*, principalmente nos poemas “O navio negreiro” e “Vozes d’África”, conclama os brasileiros à consciência dos ideais de libertação, de superação da escravidão, poemas que nos comovem ainda hoje.

Os poemas sociais de ambos os poetas alcançam alturas elevadíssimas, mercê do gênio que os engendrava. E os seus poemas líricos conformam-se

(*) Trabalho apresentado na Fundação Joaquim Nabuco, no Recife, em 1º de dezembro de 2006, por ocasião da realização do I Festival Internacional de Línguas e Literaturas Neolatinas.

numa feitura magnífica. É suficiente que lembremos aqui, de Castro Alves, “Os anjos da meia-noite”, em que o genial brasileiro vê desfilar, à sua pena, sete sombras de mulheres que ele amou e uma última sombra, “a glória talvez, talvez a morte!...”;

De Eminescu, lembremos o genial poema “Vésper”, que muitos críticos apontam como autobiográfico, em que o gênio, do alto de sua dor, jamais conseguirá ser feliz entre os mortais.

São de fundo temático as semelhanças mais evidentes entre os dois poetas: a vocação do cosmos, a sede do Absoluto, os tormentos e as delícias do amor, *Thanatos* e *Eros*, são os temas mais constantes tanto em um quanto no outro poeta. Não são raras as passagens de Eminescu e Castro Alves em que ambos atingem um estado de – diríamos – plenitude, em face do *Infinito*, nos umbrais do encontro com o *Todo*. Também os poemas de cunho social, em ambos, como já se disse, são um ponto relevante nas tangenciais que se podem apontar no sentido da aproximação entre Eminescu e Castro Alves.

Mas há outras semelhanças na vida dos dois que se aproximam da coincidência, quase: ambos os poetas viveram pouco (Eminescu faleceu aos 39 e Castro Alves aos 24 anos), embora seja de registrar-se que quase todos os poetas românticos tiveram curtas existências terrenas. De qualquer modo, isto é também um dado que os aproxima.

Ambos começaram a escrever versos ainda adolescentes (Castro Alves tinha apenas 14 anos quando recitou um poema seu em público pela primeira vez, em Salvador; e os primeiros poemas de Eminescu foram escritos ainda em seu tempo de liceu, em 1866, portanto, aos 16 anos. Ambos se iniciaram com poemas em louvor dos seus mestres de ensino ginásial. Ambos nasceram em localidades afastadas dos grandes centros urbanos da época: Castro Alves na fazenda Cabaceiras, a poucos quilômetros de Curalinho, hoje Castro Alves, no interior da Bahia, nordeste do Brasil e Eminescu na aldeia de Ipotesti, comuna de Botosani, nordeste da Romênia.

Ambos percorreram muitos caminhos e conheceram grandes cidades, fato raro para a época em que viveram. O poeta brasileiro saiu do interior da Bahia para Salvador, depois para o Recife, onde começou a se tornar conhecido como poeta, passa depois pelo Rio de Janeiro e vai viver em São Paulo, onde consagrou-se poeta nacional. O poeta romeno saiu de sua aldeia, primeiro para Botosani e depois Bucareste e conheceu e viveu em Berlim, Praga, Viena (onde estudou na Universidade) e muitas outras cidades européias, antes de regressar a Bucareste, também já consagrado como o poeta nacional

da Romênia, onde morreu no dia 15 de junho de 1889, pouco depois das três horas da manhã. O seu sepultamento, na tarde do dia 17, foi acompanhado pelos estudantes de Bucareste que o prantearam.

Ambos escreveram teatro e saíram com suas peças a representá-las em vários pontos da Romênia e do Brasil. Um outro dado que os aproxima: não concluíram os cursos superiores aos quais se matricularam. Quando, em 1869, Castro Alves se matriculava na Faculdade de Direito de São Paulo, para o seu quarto ano jurídico, curso que não concluiria, vindo de um mal sucedido início de estudos jurídicos no Recife, Eminescu se matriculava na Faculdade de Filosofia da Universidade de Viena, curso que também não concluiria.

Há ainda que se falar de uma certa semelhança física, realçada pelo gosto de ambos os poetas de se vestirem com requinte e ostentarem aquele semblante em que o olhar profundo parece revelar, na calma aparente, todas as inquietações da alma do gênio.

De tudo o que podemos extrair dos biógrafos de um e de outro poeta, vemos que tanto Eminescu quanto Castro Alves foram pessoas extremamente afetuosas, afáveis com todos; talvez até que se pudesse dizer generosas; por outro lado, os dois poetas provaram do amor atormentado: Eminescu, com sua paixão por Veronica Micle, ela também artista das letras, e Castro Alves com o seu atribulado amor por Eugênia Câmara, ela atriz de teatro. Um outro dado coincidente: as suas amantes morreram após a morte dos dois – Eugênia Câmara morreu aos 28 de maio de 1874, três anos após Castro Alves... e Verônica Micle faleceu em 3 de agosto de 1889, apenas dois meses após o desaparecimento de Eminescu. Como se pode ver, estes dois poetas têm, em comum, muitos avatares.

Damos aqui algumas passagens de poemas de um e do outro poeta, em que Eminescu e Castro Alves como que se parafraseiam. Dir-se-ia que as semelhanças que adiante apontamos têm um caráter de coincidência, ou seja, aparecem em circunstâncias do ato da criação – diríamos – preparadas por ambos os poetas sob o mesmo fervor criativo. As semelhanças são notórias:

Eminescu, no poema “Melancolia”:

A igreja destruída
Está contrita, triste, vazia, envelhecida,
Por janelas e portas silva o vento veloz
Ate parece um bruxo de quem se escuta a voz [...]

Castro Alves, no poema “A Boa Vista”:

Meu lar está deserto... [...]
Como tudo mudou-se!...O jardim ‘stá inculto
As roseiras morreram do vento ao rijo insulto...

Eminescu:

Contornos tristes, sombras, só sombras restaram.
[...]
O coroinha é um cupim roendo a sacristia [...]

Castro Alves:

E ouvindo-me as passadas tristonhas, taciturnas,
Os grilos que cantavam, calaram-se nas furnas...[...]

Eminescu:

A crença que desenha os ícones nos templos
À alma deu-me os contos de luz e seus exemplos.
Mas sob as tempestades da vida naufragaram,
[...]

Castro Alves:

A estátua do talento, que pura em mim se erguia,
Jaz hoje – e nela a turba enlaça uma ironia!...

Eminescu, no poema “Desejo”

Vem ao bosque, até a nascente
Que treme nos calhaus, onde
A relva fresca do prado
A rama pendida esconde. [...]

Castro Alves, no poema “Sub Tgmini fagi”:

Vem! Nós iremos na floresta densa
Onde na arca gótica e suspensa
Reza o vento feral.
Enorme sombra cai da enorme rama... [...]

Eminescu, no poema “Ó mãe...”:

E se juntos um dia tivermos de morrer,
Não nos levem aos tristes muros do cemitério; [...]

Castro Alves, no poema “Quando eu morrer”:

Quando eu morrer, não lancem meu cadáver
No fosso de um sombrio cemitério... [...]

Eminescu, no poema “Vésper”:

Da minha esfera, a duras penas,
Atendo ao teu chamar;
Meu pai é o céu azul distante,
A minha mãe o mar. [...]
Ó, vem, tesouro meu, comigo,
Do teu mundo de nada,
Eu sou o luzeiro das alturas,
Sê minha noiva amada!
[...]

Castro Alves, no poema “O vôo do gênio”:

“Onde me levas mais, anjo divino?
Vem ouvir, sobre as harpas inspiradas,
O canto das esferas namoradas [...]

Eminescu:

Vésper partiu. Cresceram tanto
Suas asas de gigante,
Que ele milênios percorreu
Ao passar de um instante.
Um céu de estrelas por debaixo,
Acima um céu de estrelas,
Igual a um raio que não cessa,
Vagava em meio delas.
Pelas caóticas paragens,
Ao redor dos azuis, [...]
Viu irromper a luz [...]

Castro Alves:

E fui... e fui...ergui-me no infinito,
Lá onde o vôo da águia não se eleva...
Abaixo – via a terra – abismo em treva!
Acima – o firmamento – abismo em luz!

Eminescu: no poema “Sonolentos passarinhos”:

Sonolentos passarinhos
Pedem que o ninho os acoite;
Se escondem por entre os ramos –
Boa-noite.

Somente as fontes suspiram

Silêncio o horto negro faz.
Dormem flores jardim –
Dorme em paz!
Passa o cisne pelas águas,
Por entre os juncos deitou-se.
Que os anjos estejam perto –
Sono doce!
Da noite na feeria
Ergue-se a lua de açoite.
Tudo é sonho e harmonia –
Boa-noite!

Castro Alves: no poema “Murmúrio da tarde”:

Ontem à tarde, quando o sol morria,
A natureza era um poema santo,
De cada moita a escuridão saía,
De cada gruta rebentava um canto, [...]
Larga harmonia embalsamava os ares
Cantava o ninho – suspirava o lago...
E a verde pluma dos sutis palmares
Tinha das ondas o murmúrio vago...
Larga harmonia embalsamava os ares.[...]

Eminescu, no poema “Tenho ainda um desejo”:

Ainda um desejo:
Tarde a findar,
Deixai que eu morra
À beira-mar.
Um sono calmo
No bosque ameno
Vizinho às águas
E ao céu sereno.
Não quero tumba,
Não quero flamas,
Mas dai-me um leito
De tenras ramas [...]

Castro Alves, no poema “O laço de fita”:

Pois bem! Quando um dia na sombra do vale
Abrirem-me a cova, formosa Pepita!
Ao menos arranca meus louros da fronte,
E dá-me por c'roa... teu laço de fita.

O nosso poeta nacional despediu-se desta vida no dia 6 de julho de 1871, às três e meia da tarde, segundo a sua irmã Adelaide, contemplando uma nesga de azul que entrava pela janela do palacete do Sodré, em Salvador. Em agosto daquele mesmo ano, Eminescu conclamava, nos seus 21 anos, o povo romeno à sua unidade cultural e independência política, ideais semelhantes aos valores com os quais Castro Alves escreveu os seus melhores poemas, em que conclamava à superação da escravidão entre os brasileiros.

Castro Alves, nascido em 1847 e Mihai Eminescu, nascido em 1850, os poetas nacionais do Brasil e da Romênia, completam neste ano de 2006, respectivamente, 159 e 156 anos de nascimento. Lembro estas datas porque nunca serão suficientes as homenagens que nós, seus contemporâneos, lhes prestamos. Há 117 anos da morte de Eminescu e 135 da morte de Castro Alves, a nós cabe o dever e a honra de enaltecer a sua memória, que é, em suma, a memória das letras da Romênia e do Brasil.